



Semana do Servidor

Arte, Gourmet e Bem-estar

Segunda a Sexta – 9h às 16h – Foyer
Feira de Arte, Gourmet e Bem-estar

Quarta – às 13h30 – Auditório
Palestra: A doença como símbolo da transformação
Drª Mônica Neves Aguiar da Silva – psicóloga e juíza federal aposentada

Sexta – às 16:00 – Biblioteca
Sarau: Lançamento do Livro Poético – servidor federal aposentado ZLuiz

Seção Judiciária da Bahia – Fórum Teixeira de Freitas – sede



Aniversariantes da semana

22/10 - Orlando Ferrer de Santana - Aposentado
23/10 - Andrea Cristina Souza Brito - 2ª Turma Recursal/JEF
23/10 - Iracema Lima Velame Branco - CEMAN
23/10 - Paulo Cesar Alves dos Santos - SEVIT
24/10 - Dina Moreira Carvalho - 5ª Vara/JEF
26/10 - Flora Geni M. dos Santos Oliveira - Pensionista
26/10 - Noêmia Leite Mendes Riccio - Pensionista
27/10 - Amauri Fontes Nascimento - Pró-Social
27/10 - Ana Claudia de Oliveira Ortiz - Aposentada
28/10 - Ana Carolina Saraiva Bartolomeu - 2ª Vara
28/10 - Joilton Pimenta da Silva - SEVIT



As entrevistas de Nuremberg

O livro As Entrevistas de Nuremberg foi concebido a partir das entrevistas realizadas pelo americano Leon Goldensohn, médico psiquiatra da prisão de Nuremberg, cidade alemã na qual foram realizados, ao final da Segunda Guerra, os primeiros julgamentos dos criminosos nazistas por crimes de guerra e crimes contra a humanidade. O psiquiatra era responsável pela saúde física e psicológica de 22 integrantes do alto escalão nazista. Goldensohn tinha o objetivo de escrever um livro acerca dessas entrevistas, mas morreu de ataque cardíaco antes de conseguir fazê-lo. Os seus escritos foram reunidos por seu irmão e organizados pelo historiador Robert Gellately.

Quando a Segunda Guerra Mundial terminou, os Aliados se reuniram para discutir o destino dos oficiais nazistas. Para Winston Churchill, todos os oficiais deveriam ser fuzilados, sem julgamento; opinião paradoxal do premier de um país democrático (Inglaterra), pois todos devem ter julgamento justo, até mesmo os nazistas. Para Joseph Stalin, deveria ocorrer a execução sumária de 50 mil nazistas; opinião compatível com o líder soviético, haja vista os famigerados expurgos na antiga URSS na década de 1930, além dos milhões de camponeses mortos durante o processo de coletivização forçada (crimes denunciados por Nikita Krushev, durante um Congresso Comunista da URSS, em 1956). Para Franklin Roosevelt, bastaria o fuzilamento de “apenas” 49 mil; aqui o presidente americano aproveitou para “fazer graça” com a tragédia de ambas as partes, os vencidos e os vencedores. Na contramão do desejo dos Aliados, prevaleceu a sugestão do chanceler soviético, Molotov, de instalar um Tribunal Internacional.

Durante o julgamento, um dos elementos básicos da acusação era provar que houve planejamento entre os oficiais nazistas para cometer diversos crimes e, principalmente, o assassinato em massa de judeus. Mas os acusados alegaram que “desconheciam” o conjunto do planejamento nazista, e que tinham apenas uma visão parcial do sistema. Hitler, segundo eles, enfatizava que cada um dos oficiais deveria se preocupar apenas com o seu campo de atividade, sem precisar conhecer nem interferir nos trabalhos dos outros. Além disso, alegavam que não existia liberdade de expressão na Alemanha nazista, pois a mídia estava censurada, assim como era proibido ouvir as rádios estrangeiras.

Um comportamento muito comum entre os acusados era jogar toda a culpa pelos crimes de Guerra sobre as costas de Hitler e Himmler (chefe da SS). Talvez isso tenha sido uma estratégia, uma orientação dos advogados de defesa para pelo menos diminuir a culpabilidade dos seus clientes.

Talvez, com o objetivo de descobrir supostas doenças psicológicas que explicassem os desatinos dos nazistas (principalmente os assassinatos nas câmaras de gás), Goldensohn estimulava os prisioneiros a falar sobre a vida pessoal, a infância, a relação com os pais... Entre alguns acusados, era comum os desajustes matrimoniais, a experiência da perda dos filhos durante a Guerra e o nacionalismo exacerbado.

Muitos dos réus tinham um bom nível intelectual (um teste de inteligência mostrou que a maioria dos oficiais tinha inteligência acima da média), com exceção de Streicher,

fundador de um jornal antissemita. Durante a leitura da entrevista, em função das argumentações rudes e simplistas, ficaram evidentes as limitações de Streicher.

Impressionam, pelo lado negativo, as declarações de Rudolf Hoess (comandante do campo de concentração mais famoso: Auschwitz). Estimulado pelo psiquiatra, Hoess, de maneira muito natural, explicava o processo de extermínio nas câmaras de gás, como se tratasse de um “procedimento administrativo”, pois, segundo ele, estava apenas cumprindo ordens. Essa tranquilidade e naturalidade de Hoess fez-me lembrar do livro de Hannah Arendt (Eichmann em Jerusalém), no qual a pensadora alemã desenvolveu a ideia da “banalidade do mal”.

A maioria dos acusados foi considerada culpada; alguns foram condenados a poucos anos de prisão; outros, à prisão perpétua; outros foram enforcados; dois foram absolvidos e um, Hermann Goering, suicidou-se na prisão.

A leitura deste livro deve ser feita levando-se em consideração que, com o receio de revelar algumas informações que pudessem ser utilizadas contra eles no Tribunal, é possível que alguns prisioneiros tenham omitido verdades comprometedoras e talvez procurassem “suavizar” as declarações com o intuito de abrandar as suas penas.

28 de outubro
das 8h às 17h
Fazenda
Boaventura

9º
Passeio
Ecológico

trilhas

piscina

campo

animais

ASSERJUF
SEMPRE COM VOCÊ!